



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MÁRCIA DA SILVA CAVALCANTI

**DESENVOLVIMENTO DO DISCURSO NARRATIVO DE CRIANÇAS DE TRÊS
ANOS DE IDADE A PARTIR DO RECONTO DE HISTÓRIA**

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

MÁRCIA DA SILVA CAVALCANTI

**DESENVOLVIMENTO DO DISCURSO NARRATIVO DE CRIANÇAS DE TRÊS
ANOS DE IDADE A PARTIR DO RECONTO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

CAMPINA GRANDE-PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C376d Cavalcanti, Márcia da Silva
Desenvolvimento do discurso narrativo de crianças de três anos de idade a partir do reconto de histórias [manuscrito] / Marcia da Silva Cavalcanti. - 2016.
26 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão, Departamento de Educação".

1. Discurso Narrativo 2. Educação Infantil 3. Reconto de História I. Título.

21. ed. CDD 401.41

MÁRCIA DA SILVA CAVALCANTI

DESENVOLVIMENTO DO DISCURSO NARRATIVO DE
CRIANÇAS DE TRÊS ANOS DE IDADE A PARTIR DO RECONTO
DE HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 22/06/2016

BANCA EXAMINADORA


Profª Drª. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão
Orientadora/UEPB.


Profª Drª. Maria do Socorro Moura Montenegro
Examinadora/UEPB.


Profª Drª. Maria José Guerra
Examinadora/UEPB.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que iluminou meu caminho me dando força e saúde ao longo desta caminhada.

A Universidade Estadual da Paraíba, a coordenação do curso de pedagogia e seu corpo docente que foram tão importantes na minha vida acadêmica. Agradeço a minha Professora Orientadora Dr^a Soraya Maria Barros de Almeida Brandão por sua orientação, paciência, apoio e incentivo que tornou possível a conclusão desse Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço a quem me orgulho chamar de minha mãe Marizete pela determinação e luta na minha formação estudantil, acadêmica e incentivo para não desistir de meus sonhos.

Quero agradecer também aos meus queridos filhos Helânio, Ítalo e Maysa pela compreensão durante o curso que por mais difíceis que fossem os obstáculos diários sempre entenderam e confiaram em mim. A meu esposo José Helânio pelo companheirismo, estímulo e apoio, pois todos os dias fazia o percurso duplo sem reclamar, mesmo não sendo aluno da universidade.

Meus agradecimentos a minha família, amigos, companheiros de trabalho que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida.

RESUMO

O presente artigo é um estudo sobre o desenvolvimento do discurso narrativo de crianças, cujo objetivo é observar os recursos discursivos utilizados por elas no processo de construção de narrativas em situações de reconto de histórias. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa, do tipo observação participativa. O estudo foi realizado em uma Creche Municipal localizada no município de Campina Grande-PB, especificamente em uma turma do Maternal II, tendo como sujeitos 2 (duas) crianças de 3 (três anos) de idade. Os dados foram coletados durante uma semana especificamente na sala de leitura. Utilizamos como instrumentos para obtenção dos dados as gravações em câmera de vídeo. Para efeito de análise nos apoiamos nos estudos de François (1996), Perroni (1992) e Labov (1972). Os resultados do nosso estudo apontaram que a criança tem uma forma específica de narrar, o que nos faz entender que não há uma estrutura fixa de narrativa. Ademais, percebe-se que nesse processo do discurso narrativo, a criança narra num movimento que entrelaça vários recursos discursivos, como colagem, apoio no presente, combinação livre, imprevisibilidade, criatividade, dentre outros. Evidenciamos, ainda, a importância do adulto/interlocutor nesse processo, uma vez que a criança em situação de interação avança no desenvolvimento narrativo. Nesse sentido, incentivar, desde cedo, à criança realizar o reconto de histórias possibilita que ela desenvolva cada vez mais a sua oralidade e, conseqüentemente, o discurso narrativo. Diante disso, ressaltamos a importância deste estudo, haja vista que conhecer as fases que a criança passa em relação ao discurso narrativo é crucial para que os profissionais da Educação Infantil possam definir suas estratégias de intervenção e, eficientemente, conduzir o processo de desenvolvimento da oralidade da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Narrativas. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This article is a study of the development of the narrative discourse of children whose aim is to observe the discursive resources used by them in the construction of narratives of stories recounting situations process. To this end, we conducted a qualitative research, the type participant observation. The study was conducted in a municipal day care center in the city of Campina Grande-PB, specifically in a class of Maternal I, with the subject two (2) children 3 (three years) old. Data were collected for a week specifically in the reading room. We used as instruments to obtain data recordings in the camcorder. To support use as a theoretical basis the authors François (1996) Perroni (1992) and Labov (1972). The results of our study show that the child has a particular way of narrating, which makes us understand that there is a fixed narrative structure. Moreover, it is clear that this process of narrative discourse, the child tells a movement that interweaves various discursive features such as bonding support in this, free combination, unpredictability, creativity, among others. It noted also the importance of adult / interlocutor in this process, since the child interaction situation progresses the narrative development. In this sense, encourage early on the child realize the retelling of stories enables it to develop increasingly its orality and consequently the narrative discourse. Therefore, we emphasize the importance of this study, given to know the stages that a child spends in relation to the narrative discourse is crucial for professionals of early childhood education can define their intervention strategies and efficiently drive the development process of orality of child.

KEYWORDS: Speech. Narratives. Development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO NARRATIVO.....	10
2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	10
2.1.1 NARRATIVAS INFANTIS.....	12
3. RECURSOS DISCURSIVOS UTILIZADOS NO PROCESSO DE CONTAÇÃO POR CRIANÇAS DE 3 (TRÊS) ANOS DE IDADE.....	17
3.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
5. REFERÊNCIAS.....	22
6. APÊNDICES.....	24

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é um estudo sobre o desenvolvimento do discurso narrativo de crianças, cujo objetivo é observar os recursos discursivos utilizados por elas no processo de construção de narrativas em situações de reconto de histórias.

Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa, do tipo observação participativa, em que “o pesquisador não é apenas um elemento de fora que observa a situação que está sendo estudada”, mas que se aproxima o máximo possível do fenômeno a ser pesquisado, para melhor compreendê-lo. A unidade selecionada para o estudo foi uma Creche Municipal localizada no município de Campina Grande-PB, especificamente em uma turma do Maternal II, tendo como sujeitos 2 (duas) crianças de 3 (três anos) de idade. Para preservar a identidade das crianças envolvidas neste estudo, as denominamos de D e K. A escolha das crianças se deu por elas apresentarem maior proficiência da fala e vontade própria de participar da gravação audiovisual.

Os dados foram coletados durante duas semanas, nas aulas da professora pesquisadora, especificamente na sala de leitura, a partir de gravações em câmera de vídeo, totalizando duas sessões de filmagens. Para isso, solicitamos que as crianças, uma de cada vez fizessem o reconto da história da chapeuzinho vermelho.

Para efeito de análise, os dados foram transcritos respeitando a pronúncia das crianças, sendo registrados todos os elementos constitutivos do ato narrativo, conforme defende François (1996) e Perroni (1992).

Vale ressaltar que conhecer as fases que a criança passa na construção da narrativa é crucial para que os profissionais da Educação Infantil possam melhor conduzir o desenvolvimento da oralidade, com vistas no seu desenvolvimento discursivo.

De acordo François (1996), as narrativas infantis, cujo processo começa antes mesmo de a criança conseguir falar, pelas interações adulto/bebê, contribuem de forma crucial para o desenvolvimento discursivo da criança, inclusive para a inserção desta na linguagem, conforme mostra estudos sobre o processo de aquisição de linguagem, tais como Bruner (1983), Brandão (2015), dentre outros.

Vale ressaltar que nossas experiências e a nossa memória são organizadas pelas narrativas, e, por isso, as entendemos, com base nos estudos de François (1996), como mediadoras do contato e da interação do sujeito com o mundo.

Ao tratar das narrativas infantis, François (1996) diz que estas trazem o universo do sonho, da criatividade através da presença do inesperado, quando mistura as realidades de mundos na história, o que é uma característica marcante na infância. Para o autor, a criança inicia sua narrativa com personagens podendo de repente inserir outro elemento que embora se assemelhe de alguma forma com os elementos da história, não faz parte do universo da história propriamente dito.

Para Perroni (1992), a narrativa é uma forma de linguagem utilizada pela criança segundo as experiências e conhecimentos prévios adquiridos no processo de interação com o outro. Para a autora, não é possível explicar o processo de desenvolvimento do discurso narrativo em crianças sem considerar os fatores relativos à situação de interlocução que envolve a representação pela criança de seu interlocutor e de si própria como narradora. Dessa forma, é possível verificarmos que a criança entra na narrativa no processo de interação com o outro. Nessa construção narrativa, a criança passa por fases que vai desde as *primeiras tentativas de narrar* à *autonomia narrativa*. Entendida dessa forma, as narrativas infantis se distancia de um modelo estrutural fixo, como defende Labov (1972), conforme veremos ao longo deste estudo.

Nesse sentido, as análises das narrativas das crianças pesquisadas tiveram como base a organização narrativa proposta por Perroni (1972), onde o acesso da criança ao discurso depende das construções de relatos do outro e o modo como às crianças começam a ter contato com este tipo de discurso. Para a autora, nesse processo de construção narrativa, a criança utiliza-se de vários recursos discursivos. A autora defende, também, que as histórias infantis contadas pelos adultos tornam-se um papel relevante no desenvolvimento do discurso narrativo da criança.

Levando em consideração as reflexões apresentadas, apresentaremos, no primeiro momento, uma revisão da literatura abordando os aspectos conceituais da narrativa, com base em François (1996), Perroni (1992), Labov (1972) e Brandão (2015). Em um segundo momento, discutiremos as narrativas infantis de uma forma geral e, por último, os recursos discursivos utilizados pelas duas crianças, sujeitos da pesquisa, na construção narrativa, o que se constitui o nosso objeto de investigação.

2. A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO NARRATIVO

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

A narrativa está inserida na noção de subgênero pelas múltiplas categorias internas que possibilitam realizar. Isto é, o gênero narrativo pode ser evidenciado através da narrativa histórica, gênese, crônica, novela, conto, anedota, romance, notícias em geral. Nesse sentido, em diferentes contextos da vida dos indivíduos, seja no campo social, cultural, individual e profissional, as narrativas encontram lugar para desenvolver-se.

Tomando como referência os estudos de Barthes (1973), a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares e em todas as sociedades. Para o autor,

A narrativa começa com a própria história da humanidade; não há [...] em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo opostas (BARTHES et alii, 1973, p. 19).

Acrescentamos, ainda, como veremos nas análises aqui realizadas, que as narrativas não só estão presentes em todos os tempos, lugares e sociedades, mas, também, em todas as fases da vida do indivíduo, o que é retratado nos estudos de Perroni (1992) e François (1996/2009). Ao discutirmos o processo narrativo na visão desses autores evidenciamos que, os estudos sobre narrativas conforme Labov (1967; 1997); tem evidenciado um modelo estrutural fixo do discurso narrativo, o que se distancia do que é proposto por François (1996) e Perroni (1992), quando tratam da maneira de dizer das crianças.

Labov (1997) entende a narrativa como o único exemplo de um evento de fala bem formado, constituindo-se de um começo, um meio e um fim. Nesse sentido, o mesmo defende uma estrutura narrativa constituída dos seguintes elementos:

a) resumo, sentença inicial que relata uma sequência de eventos da narrativa; b) Sentença de orientação que indica o lugar, o tempo, as pessoas e a situação da fala; c) ação complicadora – desenvolvimento da história; d) avaliação – o narrador informa a carga dramática ou clima emocional; e) resultado – causalidades entre os acontecimentos; e f) coda – a finalização/moral da história (LABOV apud BRANDÃO, 2016, p. 89).

Entendemos, a partir desses elementos, que o autor defende uma estrutura narrativa fixa, do ponto de vista do narrador adulto, o que não corresponde ao que evidenciamos e defendemos em nosso estudo quando analisamos as narrativas das crianças. Labov (1997, p. 3), considera a narrativa como uma técnica de construção de unidades que recapitulam a experiência na mesma ordem dos eventos originais. Considera, ainda, que a sequência temporal é sua prioridade definidora. Dessa forma, nem toda recapitulação de experiência pessoal é considerada narrativa, somente aquelas que recapitulam a experiência na mesma ordem dos eventos originais. Pensando dessa forma, a proposta laboviana limita-se a analisar as narrativas infantis baseada nas regras pré-estabelecidas de acordo com o discurso narrativo do adulto.

Diferentemente do que propõe Labov (1997), François (2009) defende que existe uma maneira diferente de dizer as coisas, especificamente em se tratando de crianças. Para ele, não devemos entender a narrativa da criança do ponto de vista adultocêntrico, pois corremos o risco de analisá-la como incompletude, o que é comum nas práticas escolares. Sob essa ótica, François (2009, p. 156) aponta que “[...] não seja verdadeiramente necessário que a narrativa comece por uma apresentação, que apresentemos o quadro espaço-temporal ou a identificação dos personagens, também não é necessário que uma narrativa termine...”.

Com isso, entendemos que o modelo de estrutura fixa de Labov não se aplica como norma nas narrativas infantis, uma vez que as crianças que, como defende Brandão (2015, p.101),

[...] as crianças têm ritmos próprios e a conquista de suas capacidades linguísticas se dá em tempos diferenciados, a princípio com uma forte influência do interlocutor. Nesse sentido, é preciso entender a narrativa da criança a partir das interações com o adulto em um processo de encadeamento em que ela se apóia no discurso do adulto por meio de eliciações para se manter no discurso narrativo.

Isso implica dizer que devemos relativizar esses modelos estruturais do gênero narrativo. Nesse sentido, François (2009, p.18) afirma que “mesmo se um tipo de organização da narrativa se revele comum, nada autoriza a torná-lo uma norma obrigatória”. Isso só reafirma o que vemos discutindo ao longo deste estudo, quando nos contrapomos aos modelos predeterminados no contexto escolar.

Cabe lembrar que, em virtude da diversidade dos gêneros textuais, é possível misturar e construir sentidos no discurso narrativo. Numa narrativa, o acontecimento não precisa expor o estritamente real, mas podemos apresentar os sentimentos, os pensamentos não ditos. Por

isso, a narrativa contribui para compreensão dos fatos de maneira a revelar aspectos que são percebidos pelo narrador e não se encontra no aspecto literal do texto.

Cabe destacar, ainda, conforme François (2009, p.32), que dependendo da idade, as crianças, primeiramente, narram com ajuda de alguém, depois sozinhas ou com a colaboração de outros, em função das situações de trocas. Diante disso, François, (2009, p. 85) considera que narrar pode ser entendido como uma conduta monológica, no sentido de que uma única pessoa fala ou dialógica, quando a narrativa é construída na interação com o outro do modo questão/resposta. Portanto, não existe uma maneira única de narrar, conforme evidenciamos nos dados analisados.

2.1.1 NARRATIVAS INFANTIS

Conforme vimos em François (2009), o discurso narrativo não deve ser entendido como uma estrutura fixa, em que se apresente moldada em discurso adultocêntrico. Sob esse enfoque, o autor defende que cada indivíduo narra de sua maneira, principalmente, quando se trata de narradores infantis. A problemática que se impõe é não privilegiar o que “deve ser” dito em relação ao que “pode” ser dito, em outras palavras, não podemos confundir o que é norma geral com o apresentado.

Segundo esse argumento, é válido questionar sobre o que é necessário narrar e o que não é essencial. Nesse sentido, o que se narra são acontecimentos construídos a partir do ponto de vista do narrador; o que chamou atenção ou não.

Para um melhor desdobramento desse entendimento, Delamotte-Legrand (2009) sintetiza o pensamento de François (2009), dizendo:

[...] é o particular que importa na troca e não o fato de dizer a mesma coisa; [...] narrar aparece como uma prática mais complexa e mais diversa, quando permanecemos como adulto, e estendemos os dados às produções infantis; as crianças não narram como os adultos, e, no entanto, fazem narrativas reconhecidas como tais por seus interlocutores, quaisquer que sejam [...] (DELAMOTTE-LEGRAND, 2009, In: FRANÇOIS, 2009, p.39).

Esse conjunto de fatores sobre as narrativas define algumas questões relevantes que dão o tom das especificidades dos discursos infantis. A esse respeito, François (2009) defende que as crianças são mais heterogêneas do que os adultos, possuindo uma maior diversidade

narrativa, uma vez que ainda não incorporaram as interdições sociais que cerceia sua liberdade de fala. Outro ponto relevante é a imprevisibilidade da narrativa infantil, ou seja, o discurso narrativo da criança não tem a preocupação em reproduzir seguindo um padrão de boa maneira ou má. Outro elemento diz respeito à criatividade, na medida em que as crianças ousam dizer aquilo que lhes vem à cabeça, o que as leva a mudar a história, inventar palavras, etc.

Observa-se, com isso, que a ênfase no discurso narrativo não ressalta a necessidade de uma estrutura narrativa com todos os elementos propostos por Labov (1972), mas, sobretudo, que seja uma narrativa inteligível. Ainda a respeito do desenvolvimento das narrativas das crianças, entendemos que estas se desenvolvem a partir do que a criança considera significativo em relação à apropriação dos elementos relevantes do acontecimento, o que vai de encontro ao pensamento laboviano que considera que as experiências deveriam ser recapituladas na mesma ordem em que os fatos ocorreram (LABOV, 1967).

Quanto ao entendimento dispensado às narrativas infantis, François (2009, p.89) nos chama a atenção, também, para o seguinte:

No plano desenvolvimental-pedagógico, nada nos obriga a pensar que a criança deva fazer primeiramente narrativas mínimas inteligíveis, antes de fazer narrativas complexas. Visto que nada obriga a pensar que a crianças deva fazer frases simples antes de fazer frases complexas.

Esse argumento enfatiza a importância de perceber o processo de desenvolvimento da criança seja no campo cognitivo, social, cultural, econômico, psicológico de maneira a romper com os mitos do que seja efetivamente necessário e o que é possível à criança fazer em determinada faixa etária. Geralmente, privilegiam-se certos fatores em detrimento de outros tão quanto importante para o desempenho da criança.

Segundo enfatiza François (2009, p.77), em relação às narrativas das crianças, existem fenômenos fortemente normatizadores, tais como a identificação dos heróis e as marcas de sucessão temporal, mas “o que contar” e “como contar” não possui uma normatização, pois, assim, seria considerado uma receita pedagógica. Ademais, lembremos que a criança que narra não é um sujeito gramático, e sim, um sujeito heterogêneo, imprevisível e criativo. Para François (2009, p. 77), o importante nas narrativas de crianças pequenas não se refere ao saber teórico a respeito do que é lógico ou essencial na estrutura de uma narrativa. Ela apenas narra. E nesse narrar, a criança ela mistura o real com o imaginário, inventa, cria ..., o que, muitas vezes, foge das narrativas adultas.

Em se tratando do desenvolvimento do discurso narrativo da criança, Perroni (1992) enfatiza, em seus estudos, que a criança passa por diferentes fases do desenvolvimento narrativo da criança que se dá em um processo dialógico (criança/adulto). Nesse enfoque, a ênfase maior se refere à visão processual desse desenvolvimento, valorizando a criança como um ser participativo dessa relação, sendo o adulto um elemento importante no processo do discurso narrativo infantil.

Esse argumento é sustentado pelas fases distintas da criança no funcionamento da linguagem e, portanto, do narrar, quais sejam: *tentativas de contar*, *jogos de contar*, *procedimento de colagem*, *combinação livre e apoio no presente*. Esses são, portanto, os primeiros passos da criança na sua constituição como narradora autônoma.

A respeito desse recurso como forma de “colagem” a criança passa a incorporar fragmentos de histórias conhecidas por elas sem nenhuma pretensão. Assim, são aspectos essencialmente linguísticos como recurso e não se limita a relatar histórias usando o discurso direto. Ela usa expressões de combinações livres que se manifestam na interação produzindo expressões para preencher um espaço gramatical, por exemplo, palavras inventadas por elas.

A função de preencher os espaços em suas narrativas de histórias resulta a “não realidade” ou não previsibilidade do novo permitindo que a narração passe a ter característica de um “caso”. Todavia, esses recursos se referem a acontecimentos experimentados pelas crianças nos diversos lugares que convivem seja em virtude das experiências cotidianas de passeios, em compras, ou as idas ao médico, a casa de parentes, no caso de alguma experiência que se machucou, enfim, pode ser recuperada das experiências alegres ou tristes que vivenciaram.

Dessa forma, a criança atribui expressões já reconhecidas e preenche os espaços gramaticais na construção dessas narrativas. Cabe lembrar que, nesse contexto pode ocorrer nessas interações referentes às situações vivenciadas a criança se valer do “apoiado presente”. Pois, observa-se que, as crianças têm uma capacidade enorme para criar “histórias” em virtude de possuir um imaginário fértil e rico de criatividade. .

Desse modo, tomando como base os estudos de Perroni (1992), a criança, desde os dois anos de idade, já se apresenta como uma interlocutora construindo suas narrativas. Segundo a autora, as *primeiras tentativas de narrar* acontece em uma ação conjunta em que o adulto “interfere no discurso da criança através de eliciações, interpretações, correções, confirmações, etc” (BRANDÃO, 2015, p. 105). Nesse sentido, as narrativas são construídas a partir das perguntas/respostas presentes na interação.

Por conseguinte, os recursos utilizados por elas a partir dos 3 (três) anos de idade são os fragmentos de histórias mediadas pelo discurso do adulto para estruturar sua narrativa, ou seja, a criança desenvolve sua narrativa a partir do discurso do outro pelo *procedimento de colagem* e a *combinação livre*, que é a inserção de elementos de ficção e combinações inusitadas a nível do léxico e/ou do discurso, resultando na imprevisibilidade do narrado.

Entretanto, na faixa etária dos 04 (quatro) a 05 (cinco) anos de idade, a criança já se constitui como um narrador, modificando o papel do adulto na interação. A partir deste momento, a criança alcança certa autonomia na fala e não precisa que o adulto participe efetivamente das narrativas, haja vista que, conforme seu desenvolvimento, a criança pode ter adquirido uma autonomia narrativa. São estes os elementos que sustentaram a nossa análise, uma vez que não analisaremos o que supostamente “falta” na narrativa da criança, mas, sobretudo, como ela narra, ou seja, quais os recursos que as crianças, sujeitos desta pesquisa, utilizam para narrar.

Vale ressaltar, que em seus estudos, Perroni (1992) apresenta três tipos de narrativas diferentes: a estória, o relato e o caso. Dentre essas, ela considera o contar estórias como sendo uma prática da língua em nossa cultura, estando, quase sempre, associada às convenções tais como: começar com uma frase: “Era uma vez...”, terminando sempre afirmando: “e foram felizes para sempre”.

A autora defende a estória como sendo uma narrativa de ficção que possui um enredo fixo, cujo encadeamento traduz-se entre os eixos: dano x reparação e conflito x resolução do conflito. No entanto, é importante considerar que, ao narrar, a criança pode recriar o contexto dos fatos narrados, inventar um mundo da narrativa, com tempo e espaços próprios, com personagens, podendo ser um deles o próprio narrador.

Sabemos que logo nos primeiros anos de vida, a criança começa a ter contato com as histórias, a partir de situações de acalantos e contações diversas, o que favorece sua entrada na narrativa. Essa interação da criança com os adultos, desde a mais tenra idade, a leva a compreender os mundos possíveis de ser construído, o que é evidenciado nas produções narrativas infantis, em que está presente a forma imprevisível e criativa de dizer as coisas.

O relato constitui-se de uma narrativa marcada por uma sequência de experiências pessoais vividas pelo narrador e se apresentando como um compromisso com a realidade dos fatos narrados. Assim, o relato se constitui como a representação dos fatos e acontecimentos que ocorreram efetivamente. Nesse sentido, ela começa a realizar suas narrativas (relatos) a partir de suas experiências vivenciadas através dos passeios, das viagens, comemorações ou outros acontecimentos que, às vezes, não são referidos como coisas não habituais.

Já os casos, são tipos de narrativa que se encontram a meio caminho entre as estórias e os relatos. Para Perroni (1992), os casos é a mais livre atividade do narrador, pois, ao contá-lo, a criança ou o adulto não tem o compromisso nem com o enredo fixo nem com uma “verdade absoluta”, ou seja, o importante não é o real em si, do fato ocorrido, mas a criação de uma realidade fictícia, em que está presente a liberdade de expressão, pela qual não se pode prevê o desenrolar do caso, principalmente, quando se trata do discurso.

É importante considerar que mesmo as narrativas (estórias, relatos e casos) apresentam características próprias, as crianças têm uma forma especial de dizer às coisas que, muitas vezes, contraria o que se pretende em sua exposição. Isso acontece, como já falamos, devido à especificidade do discurso infantil: heterogêneo, imprevisível e criativo.

Conforme Wallon (2010), o pensamento da criança é sincrético, o que implica que seu modo de pensar e dizer as coisas parecem não seguir uma lógica para os adultos. E é com esse pensamento sincrético que a criança narra, misturando realidade e fantasia sem distinção. Assim, as narrações das crianças apresentam-se repletas de criatividade.

Posto isto, entendemos que é necessário oferecer as condições para que a criança exerça seu pensamento e sua expressão de modo a promover a expansão da criatividade. Defendemos que quanto mais à criança for estimulada no processo da linguagem oral possibilitará avanços no seu repertório e conseqüentemente, no seu discurso narrativo.

É fundamental compreendermos que oralidade é uma atividade verbal presente nas diferentes situações sociais em que a criança está inserida, ou seja, é a transmissão oral dos conhecimentos adquiridos. Dessa forma, a linguagem oral é um instrumento que contribui na ampliação das possibilidades de inserção e participação nas práticas sociais.

Nessa perspectiva, o Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil – RCNEI enfatiza que “[...] em algumas práticas, se considera o aprendizado da linguagem oral, como um processo natural, que ocorre em função da maturação biológica prescindindo se nesse caso de ações educativas planejadas com a intenção de favorecer essa aprendizagem” (BRASIL, 1998, p.119)

Enfim, entendemos que o desenvolvimento narrativo da criança é marcado pelas possibilidades de trocas verbais e discursivas da criança com o adulto, tendo este último uma função crucial nesse processo, principalmente no âmbito escolar, a fim de poder promover atividades que possibilite a evolução desse processo. Assim, estimular a fala da criança através do conto, dos relatos e das experiências vivenciadas contribui para que a criança desenvolva, cada vez mais, uma proficiência linguística.

3 RECURSOS DISCURSIVOS UTILIZADOS NO PROCESSO DE CONTAÇÃO POR CRIANÇAS DE 03 (TRÊS) ANOS DE IDADE

Conforme já anunciamos da introdução do presente artigo, este estudo, caracterizado como pesquisa qualitativa do tipo observação participativa, foi realizado em uma Creche Municipal de Campina Grande – PB, no período de 13 à 29/04/16, tendo como sujeitos 2 (duas) crianças na faixa etária de 3 anos, que frequentam o Maternal II.

Para nosso estudo, desenvolvemos, durante duas semanas, momentos da contação de história, tendo, no primeiro momento, a contação com a utilização do livro de *Chapeuzinho Vermelho* e, no segundo momento, a contação com a utilização de *fantoches*. Esses dois momentos foram proporcionados pela professora pesquisadora.

Após esses momentos de interação com o clássico *Chapeuzinho Vermelho* de Charles Perrault, a pesquisadora perguntou quem gostaria de participar da gravação audiovisual do relato da história, na ocasião, duas crianças se propuseram a participar. Em seguida, houve o relato da história pelas crianças. Vale ressaltar que as crianças, que tiveram suas identidades preservadas, foram escolhidas por apresentarem maior proficiência da fala em relação às demais, bem como pelo interesse em participar deste estudo.

Para a atividade do relato da história, utilizamos o Tapete de Leitura (na sala e no pátio), atividades individuais e coletivas abordando a história contada e dramatização pelas crianças.

Para efeito de análise, realizamos uma coleta de dados dos relatos da história de *Chapeuzinho Vermelho* pelas crianças, cujo objetivo se constituiu em observar os recursos discursivos utilizados por elas no processo de construção de narrativas em situações de relato de histórias.

As narrativas aqui transcritas foram analisadas com base nos estudos de Perroni (1992), François (1996/2009) e Brandão (2015), partindo do princípio de que as crianças possuem uma forma especial de dizer as coisas, o que nos leva a analisá-las sob o ponto de vista do que a criança já domina e não o que lhes faltam.

3.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Conforme veremos nas narrativas que se seguem, o conteúdo manifesto pelas crianças aponta para a especificidade do discurso infantil, o que só vem confirmar as discussões teóricas realizadas ao longo deste estudo.

Nossa primeira análise corresponde à narrativa da criança D. Esse momento aconteceu na sala de leitura, onde estava presente apenas a criança e a pesquisadora, ambos sentados no Tapete de Leitura.

NARRATIVA 1 – CRIANÇA D (3;11-12)

PARTICIPANTE	FALA
1. Criança D	Era uma vez o chapeuzinho
2. Criança D	E depois pegou o doce a mãe dela disse pá levar o doce pá vovó
3. Pesquisadora	E ela levou?
4. Criança D	Haãããã ...Siiim pá vovó E um dia ela encontro o um lovolaaaana floresta
5. Criança D	Um loovo, vem vê onde ele tá...uuuuhhh
6. Criança D	Era uma vez disse que a chapeuzinho não era a vovozinha dela
7. Criança D	Era o lovo e depois saiu um dia correndo encontro o o caçador e pendeu o lovo na coda e puxou puxou puxou e prendeu o lovo na amadilha.
8. Pesquisadora	Na armadilha?
9. Criança D	Siiim e puxou puxou puxou a corda pá baixo pá baixo e depois ficou peso ele na amadilha.
10. Pesquisadora	E como era essa armadilha?
11. Criança D	Essa armadilha desce quando o caçador desce desce desce e depois prende o lovo
12. Pesquisadora	E a vovozinha?
13. Criança D	A vovozinha foi salva e foi felizes para sempre
14. Pesquisadora	e a cestinha que ia levar para a vovozinha?
15. Criança D	Era doces levaram na ponte pá quele godão aquele o Huck.
16. Pesquisadora	Um Huck?
17. Criança D	Sim... A vovozinha e o lovo bateram neleo Huck Huck Huck Tum Tum ele mora na ponte o Huck, o Huck é bem forte ohhhHuck é verde como a meu casaco olha
18. Criança D	-Ele arrotta coisas, ele arrotta menino que faz malcriação, Huck pega criança
19. Pesquisadora	Pega criança?
20. Criança D	Siiim...quando faz malcriacao mas o superhomen consegue derrota ele
21- Criança D	Consegue derrota o Huck assim bem forte viu agora ponto tá bom

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora. Gravação realizada em 27/04/2016.

De uma forma geral, ao analisar o discurso da Criança D, observamos que ele possui uma autonomia narrativa, o que é refletido pela complexidade tanto quantitativa como qualitativa.

Verifica-se, no aspecto quantitativo, um maior número de respostas ao enunciado da pesquisadora diminuindo, de forma significativa, as intervenções do adulto. Já no aspecto qualitativo, a resposta da criança passa a ser mais adequada ao tipo de discurso enunciado, uma vez que ela passa a introduzir mais detalhes em sua narrativa, embora, muitas vezes, não apresente uma sequência hierárquica dos eventos.

Mesmo evidenciando certa autonomia no discurso da Criança D, observa-se a importância do adulto nessa construção, uma vez que a pesquisadora leva a criança a uma maior desenvoltura no discurso à medida que faz perguntas ou sugere respostas. De acordo com Perroni (1992), o discurso narrativo das crianças depois de 03 anos de idade continua a ser produzido como resultado de uma construção conjunta em que ambos os interlocutores desempenham papéis específicos.

No discurso narrativo da criança D, observa-se, também, a utilização de operadores da narrativa, quando esta se utiliza de marcadores de abertura (*Era uma vez...* (em 1)) e de finalização (*Felizes para sempre* (em 13)). Aqui, a criança dá por encerrada sua estória, dando continuidade, em seguida, pelo processo de eliciação da pesquisadora. Como defende Perroni (1992), “A estrutura narrativa a cada passo de seu desenvolvimento depende da construção pela criança de seu interlocutor, da situação de interlocução e da própria função do discurso, fatores esses independentes”.

No turno 2, ela faz um encadeamento com o discurso anterior utilizando-se de um elemento de marcação temporal ou de sequenciação (*depois*). Para Perroni (1992), esse é um processo de adição, cuja função é mostrar a ocorrência de eventos e ações posteriores.

No turno 4, quando a Criança “D” fala: *laaaa na floresta*, utilizando a prosódia como reforço da entonação, parece ter associado a repetição de letras ao distanciamento da floresta.

Nota-se, no turno 15 e em 20, que a criança incorporou a sua narrativa novos elementos (fragmentos de desenhos animados, como *huck/superhomem*). Tais elementos, no nosso entendimento, fazem parte do universo de experiências da criança, colocados na narrativa pelo procedimento de *Colagem*, conforme defende Perroni (1992).

Como já falamos ao longo deste estudo, a *Colagem* diz respeito a um procedimento de preenchimento em que o narrador utiliza-se de recortes e fragmentos do interlocutor e de outras narrativas para continuar narrando. Tomando como base os estudos de François (2006),

vemos, do turno 15 ao turno 21, a presença constante da imprevisibilidade e da criatividade, pois a criança não tem a preocupação de reproduzir o discurso do outro, narrando espontaneamente o que lhe vem na cabeça.

No turno 18, quando a criança relaciona *Huck/pegar crianças malcriadas*, ela faz referência a acontecimentos vivenciados na sua cultura familiar, portanto, utiliza-se do *Apoio no presente*, que conforme Perroni (1992) é a maneira pela qual a criança insere nas narrativas experiências da situação imediata da interação linguística.

Por fim, na narrativa (no turno 21), a criança verbaliza: *consegue derrota o Huck assim bem forte viu agora ponto ta bom*. Isso mostra, conforme defendem François (2006) que existe uma maneira diferente de dizer as coisas, o que vai de encontro com a estrutura fixa proposta por Labov (1972). Nesse sentido, de acordo com Brandão (2015), não devemos entender a narrativa da criança do ponto de vista do adulto, pois corremos o risco de analisá-la como incompletude.

Apresentamos a segunda narração com uma criança do sexo feminino que denominamos de K da mesma idade do anterior, que reconta a mesma estória *chapeuzinho vermelho*. Conforme distribuída abaixo os 12 momentos aconteceram na sala de aula, onde estava presente apenas a criança e a pesquisadora, ambos sentados no Tapete de Leitura.

NARRATIVA 2 – CRIANÇA “K” (3; 10; 15)

PARTICIPANTE	FALA
1.Criança K	Era uma vez o chapeuzinho vermelho foi levar a cesta da vo-vooooo.
2.Criança K	E o lobo tava na folesta e no caminho dum dum dum foi, e apareceu o lobo na casa na casa da vovó.
3.Criança k	E chapeuzinho disse: aiiii: socorroooooo e chapeuzinho gritaram e foram na casa da vovó e “acodoo e;
4. Pesquisadora	Porque a chapeuzinho gritou com o lobo?
5.Criança K	Por que o lobo tava na Fo lesta porque o lobo quer pega ela pá morder e pra segurar ela e pender.
6.Criança K	E e e ele tem uma cooda o lobo pá pender a chapeuzinho vermelho.
7.Pesquisadora	E o lobo vai prender ela?
8.Criança K	Sim, na árvore e a mãe dela não vai soltar a chapeuzinho vermelho vai ficar só olhando.
9.Criança K	E a vovó também vai ficar só olhando, mas vão ficar tudo triste.
10.Pesquisadora	Por que vão ficar todos tristes?
11.Criança K	Por que o lobo prendeu a chapeuzinho vermelho e vai soltar a cesta dela.

12.Criança K	E foi feliz pala sempre.
--------------	--------------------------

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora. Gravação realizada em 28/04/2016

Conforme a narrativa², observa-se que a criança demonstra autonomia na produção narrativa, uma vez que não houve tanta interferência da pesquisadora. Ademais, a criança reconta a estória com detalhes de informações, inclusive, se utilizando do discurso direto, especificamente no turno³, quando coloca a fala do personagem: “aiiii: socorroooooo” .

De acordo com Perroni (1992, p. 133), o discurso direto é a forma sob a qual o diálogo se manifesta na narrativa. Além disso, durante a narrativa a criança faz uso de “E, e”, figurando como operadores de narrativa, servindo de ligação entre uma frase e outra.

Outro aspecto importante nessa narração da Criança K, são as marcas linguísticas (turno¹) que podem ser encontradas nas estórias que começa com *Era uma vez* (um verbo que introduz a estória). No turno 2, ela dá continuidade à narração fazendo um encadeamento das ideias utilizando-se do elemento de ligação “E”, cuja função é dar sequência as ações.

No turno 3, ao utilizar-se do discurso direto “aiiii: socorroooooo”, a criança se apóia na entonação para dar veracidade a sua narrativa.

Nota-se que durante toda a narrativa, a criança utiliza-se uma sequencia hierárquica dos eventos, colocando, no turno 9, elementos de sua experiência (“vão ficar tudo triste”). Esse recurso é por Perroni (1992) denomina de *apoio no presente*, ou seja, em suas experiências são postas em suas narrativas.

No turno 12, como podemos observar, a criança utiliza-se do elemento do fechamento da estória: “*E foi feliz pala sempre*”, para sair da narrativa. Nesse sentido, ela consegue relacionar os acontecimentos vivenciados dando um fechamento para os fatos.

Cabe lembrar que as marcas linguísticas de abertura (*Era uma vez...*) e de fechamento da história (“*Felizes para sempre*”) encontradas na narrativa da Criança K não são entendidas como regras, pois se assim fosse estaríamos concordando com uma estrutura fixa de narrativa, o que não é o nosso caso. O que pretendemos, em nosso estudo, é observar e analisar os elementos que a criança utiliza-se para narrar e não propor um modelo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sobre o desenvolvimento do discurso narrativo de crianças, especialmente de três anos de idade, nos permitiu observar e analisar os recursos do ponto de vista do desenvolvimento narrativo utilizados por elas em situação de reconto de estórias. Dentre eles, destacaram-se a colagem, apoio no presente, combinação livre, defendidos por Perroni (1992), bem como a imprevisibilidade e a criatividade, conforme aponta França (1996).

A especificidade do discurso narrativo da criança, especificamente quando se trata da imprevisibilidade e da criatividade nos leva a concluir, conforme vimos em França (1996), que a criança tem uma forma diferente de narrar, o que vai de encontro com a estrutura fixa de narrativa proposta por Labov, que entende a narrativa como um evento de fala bem formado com começo, meio e fim.

Vale ressaltar que a criança, por ainda não estar “contaminada” com as regras predeterminadas pelo adulto, diz o que tem vontade de dizer: criando, inventando, colocando o mundo às avessas.

Evidenciamos, além destes recursos, que as duas crianças narraram suas histórias apoiando-se nas eliciações da pesquisadora, o que mostra a importância das interações no desenvolvimento da oralidade da criança. Essa interação, conforme discutimos ao longo do nosso estudo, nos levam a reafirmar a importância do adulto no discurso narrativo da criança, cujo desenvolvimento se dá de forma cogerada, em um processo de encadeamento “pergunta/resposta”.

Com base nisso, defendemos que a prática pedagógica na Educação Infantil com vista ao desenvolvimento da oralidade da criança deve tomar como ponto de partida aquilo que a criança já sabe e não o que falta. Em outras palavras: que os educadores redimensionem suas práticas pedagógicas considerando as várias formas de narrar, o que vai de encontro com a estrutura fixa que se exige hoje nos bancos escolares. Isso não implica dizer que uma história não deva ter os elementos propostos por Labov, mas, sobretudo, que se analisem as narrativas infantis do ponto de vista daquele que narra (nesse caso a criança), e não do ponto de vista do adulto.

Concluindo, este trabalho contribui para que os profissionais da Educação Infantil compreendam como acontece a construção do discurso narrativo da criança para que a atividade desenvolvida seja mediadora de aprendizagem e encaminhadas na perspectiva do discurso completo das crianças respeitando as singularidades individuais de cada uma.

5. REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação Verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes 1992. p. 277-326
- BARTHES, Roland et alii. **Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas**. Trad.: M^a Zélia B. Pinto. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida. **Gestos e fala nas narrativas infantis**. Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING/UFPB. João Pessoa, 2015, 209f.
- BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998 v. 3.
- BRUNER, Jerome Seymour. **Child's Talk: Learning to Use Language**. W.W. Norton, 1983. 144p.
- DELAMOTTE-LEGRAND, 2009, In: FRANÇOIS, Frédéric. **Crianças e narrativas: maneiras de sentir, maneiras de dizer...** São Paulo: Humanitas, 2009.
- FRANÇOIS, F. **Práticas do Oral: diálogo, jogo e variações de sentido**. Trad. Lélia Erbolato Melo. São Paulo: Pró Fono, 1996.
- _____. O que nos indica a linguagem da criança: algumas considerações sobre a linguagem: In: DEL RÈ, A (Org). **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo. Contexto, 2006.
- _____. **Crianças e narrativas: maneiras de sentir, maneiras de dizer...** Tradução e adaptação de Ana Lúcia Tinoco Cabral e Lélia Erbolato Melo. São Paulo: Humanitas, 2009.
- JOURNAL OF NARRATIVE AND LIFE HISTORY, 7(1-4), 3—38. **Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience!** William *Labov*. Columbia University. 1997.
- LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. WALESKY, J. **Narrative analysis: oral versions of personal experience**. In: JILM, J. *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: Washington University Press, 1967.
- LEITE, Regina Lúcia Scarpa. Um olhar sobre situações narrativas envolvendo crianças pequenas em creches e pré-escolas. **Anais do Seminário comemorativo Linguagem sob a troca de olhar entre a educação e a saúde**. São Paulo: FMUSP, 1995.

PERRAULT, C. **Chapeuzinho Vermelho**. Editora: Companhia das letrinhas. São Paulo: SP. 2007.

PERRONI, Maria Cecília. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

WALLON, Henri. **Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil**. 19a Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

APÊNDICES

FOTOS DAS ATIVIDADES NARRATIVAS DAS CRIANÇAS



Foto 1: Criança “D” Narração estória
Acervo: Pesquisadora 2016



Foto 2: Criança “D” Narração estória
Acervo: Pesquisadora 2016



Foto 3: Criança “K” Narração estória
Acervo: Pesquisadora 2016



Foto 4: Criança “K” Narração estória
Acervo: Pesquisadora 2016